

Discórdia

BRASILIA



O melhor
periódico
que não é periódico

Número 3 ou 4

(dependendo da realidade em que você esteja)

Gabralvia Sisup & Timóteo Pinto

EDIÇÃO ILUSTRADA POR

SANTOS JO

Discordia Brasilis

Número 3 ou 4 (dependendo da realidade em que você esteja)

Versão Ilustrada

Edição - Timóteo Pinto e Gabralvia Sisup

Ilustrações - Santos Jo

Discordia Brasilis é uma seleção de textos discordianos publicados em diversos meios. Para essa edição foram retirados textos dos blogs:

<https://discordiabrasilis.wordpress.com/><http://tudismocroned.blogspot.com.br/>

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer¹ á convergência tecnológica, que fez tudo ser a mesma coisa em qualquer lugar; ao Chaves, por mostrar que piadas simples e repetidas tem graça; ás substâncias pineálicas, por darem graça e leveza ao mundo.

Comentário do Santos Jo

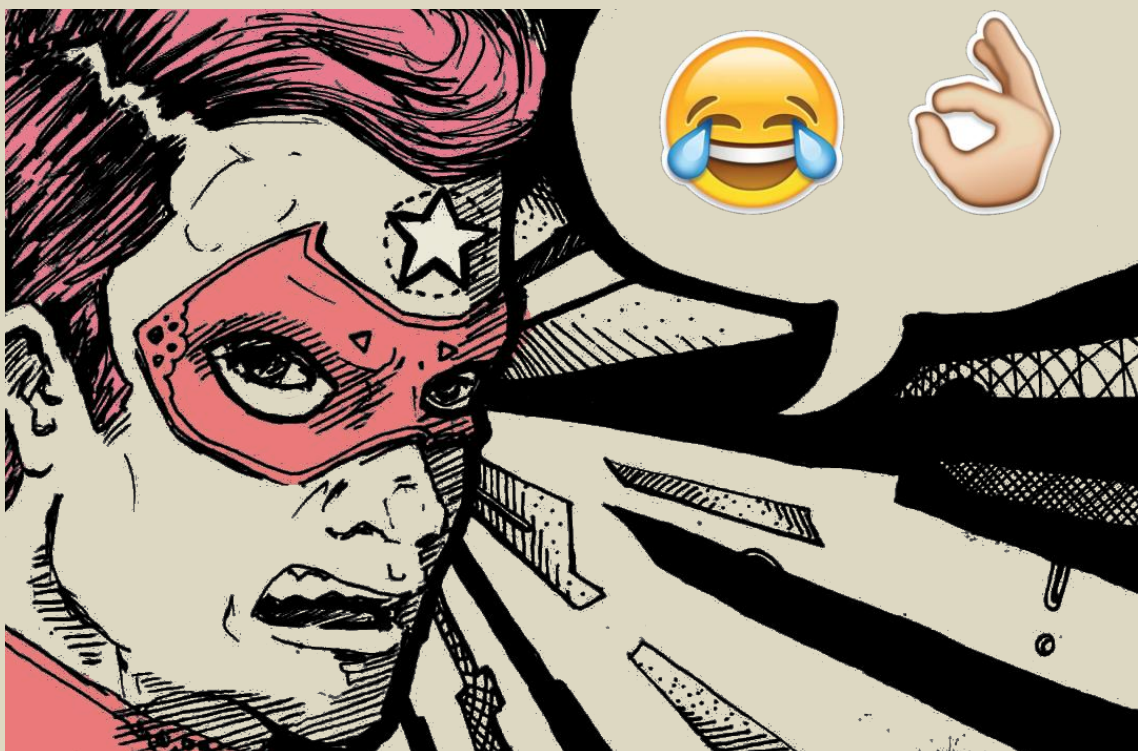
Não tenho nada a comentar.

Isso aqui deu trabalho pra porra de editar, deu trabalho pra imaginar, deu trabalho pra corrigir os textos (vocês escrevem igual uns analfabetos) e principalmente deu trabalho pra fazer isso enquanto eu trabalhava.

Muito trabalhoso.

Adorei fazer.

Obrigado a todos, te amo.



Sobre o Certo & o Errado

Por Mortinta Knobina (kaiohw@hotmail.com)

Daleth se aproximou com uma cara muito esquisita quando Aleph indagou qual o problema que lhe afligia. Rapidamente, Daleth começou a vomitar um emaranhado de problemas. Aleph, por educação ou atenção, ficou ouvindo, às vezes tentando esconder o riso e torcendo para Daleth não perceber.

-Compreende? Parece que tudo que eu faço está errado - disse Daleth, com aquela expressão triste.

-E qual é o problema em estar errado? - perguntou Aleph, com um sorriso malicioso nascendo no rosto.

-Como assim, Aleph? Errar implica em Erro. E Errar é algo que devemos evitar para que possamos levar uma vida em harmonia.

-Eu conheço muitas pessoas que fizeram coisas Certas pelos motivos Errados. Ou melhor, fazendo coisas Erradas, no fundo, acabam tornando as coisas muito mais Certas de como elas estão no momento.

-O que vc fumou Aleph? Está falando coisas sem sentido.

-Vem comigo - disse Aleph com um sorriso misterioso mesclado com um tico-tico de fubá.

Aleph e Daleth pegaram um ônibus qualquer e desceram em um lugar que não nos diz respeito no dado momento. Aleph seguiu caminhando junto com Daleth, ambos quietos, até encontrarem uma avenida muito movimentada. Aleph se aproximou da primeira pessoa e comentou:

-Nossa, como o tempo está horrível hoje, não é? - O sol brilhava forte

em um lindo céu sem nuvens. O transeunte apenas ficou olhando para Aleph com uma cara de "o.O o que esse cara usou?" Aleph continuou sua aventura e de repente ouviu alguém gritando:

-EU VENHO DO PLANETA ÉRIS! EU NÃO SOU DAQUI - era o mendigo local, famoso Astronauta do Lixão que fazia sua palestra diária na praça municipal, regado de muita pinga e vinhos sacrossantos. Aleph se aproximou e trouxe Daleth a força, apesar de sua clara relutância. Daleth não via os mendigos com bons olhos.

-EU VENHO DE LÁ TAMBÉM - disse Aleph - MARIPOSA, ALFAIATE, AZUL CERÚLIO E LAMPIÃO!

O Mendigo por um segundo o encarou, como se não soubesse do que Aleph estava falando e logo em seguida caiu em uma gargalhada.

-Aceita uma pinga?

Aleph bebericou imediatamente e passou a garrafa para Daleth, que nem sequer a tocou, e o olhou com olhar de nojo.

-Aleph... Eu sei que você sempre foi meio pirado... Mas agora você está saindo dos limites...

-Daleth, aprenda a Estar Errado.

-Como assim Aleph, para beber pinga com os mendigos?

-Não, seu bobo. Pra aprender que estar errado também está certo.

Daleth não compreendia o que Aleph estava querendo dizer, então Aleph começou a fazer a coisa mais louca que Daleth já havia visto: Aleph olhava para o céu sem nuvens e exclamava que

possivelmente viria chuva. Começou a fingir que estava tremendo reclamando que estava muito frio para os padrões de seu planeta natal, Mercúrio. Começou a plantar bananeira insistindo que o Céu era para baixo e a Terra era para cima. Afirmou que a Carminha era a maior santa das novelas da globo. Afirmou que a TV Cultura era um canal muito pobre em cultura. Comentou sobre como era exemplar a atitude dos políticos brasileiros. Anunciou que a Presidenta Dilma não é humana, mas sim um Beta Gray de Zeta Reticuli disfarçado de humano.

Daleth não estava entendendo coisa nenhuma e o mendigo estava cagando de tanto rir. Até que Aleph parou e olhou para Daleth com um sorriso e disse:

-Não estou certo?

Daleth respondeu:

-Não. Está errado. Não entendi o que quer

dizer.

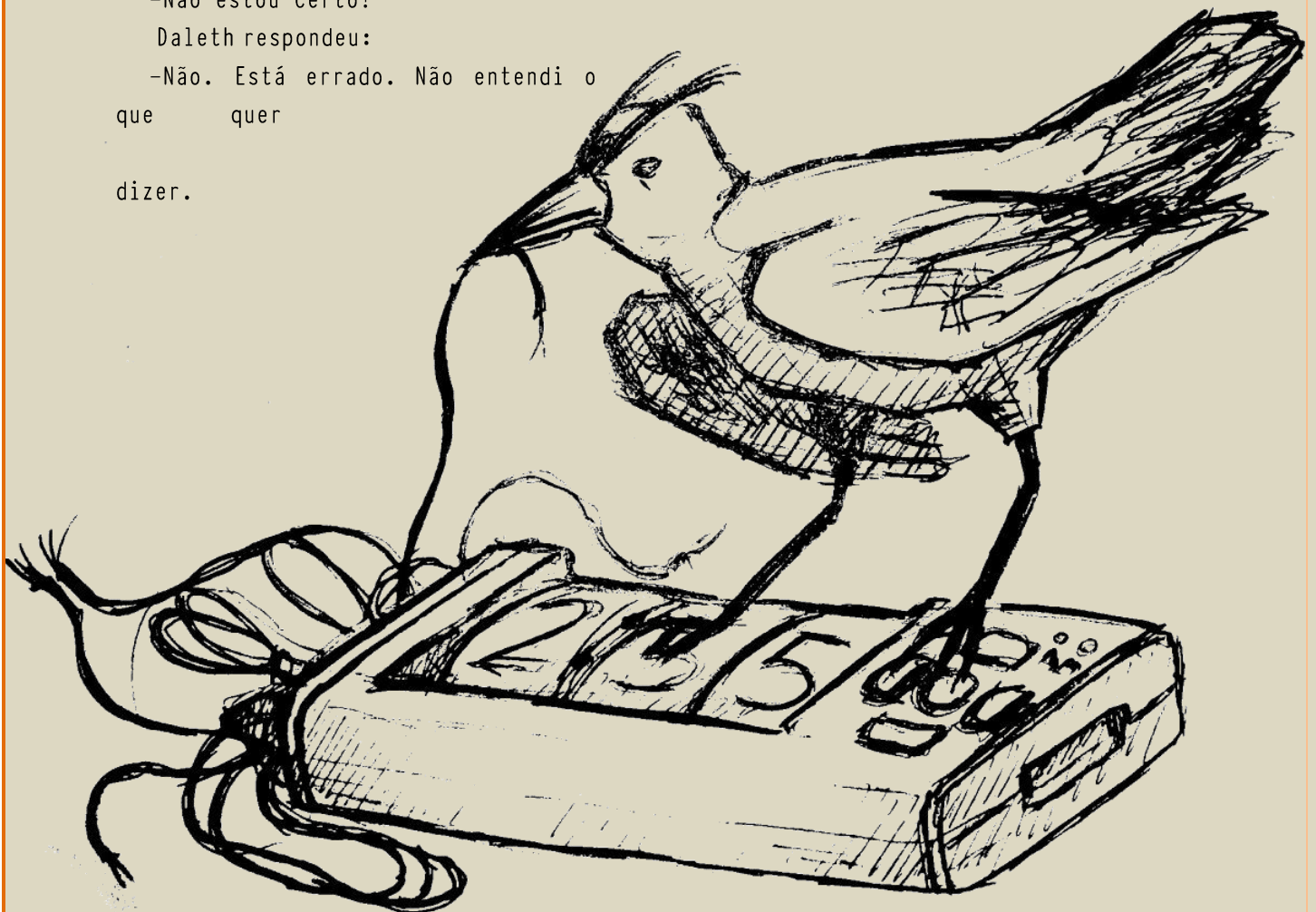
-Que você não precisa estar certo o tempo todo. E que estar errado está tudo bem. Na verdade, você deveria passar o dia inteiro comigo fazendo tudo errado, para amanhã, quando não fizer algo certo, saber que está tudo certo.

-E pra que vou querer fazer tudo errado hoje se posso tentar fazer tudo certo?

-Pra amanhã você não vir reclamar que fez algo errado quando tentava fazer tudo certo.

Os dois passaram o dia inteiro fazendo tudo pelo contrário e Daleth nunca mais ficou chateado quando estava errado sobre alguma coisa.

E AO OUVIR TODA ESTA CONVERSA, ALGUÉM FOI ILUMINADO.



Bebês do Abismo

Por Reinaldo Ribeiro (facebook.com/shiondzogchen)

Pelo fim das certezas e o advento da ignorância, urge a entrega ao vazio. Nada em excesso! Cada vez mais Nada, pelo fim do jugo da razão! Respire fundo, vai ser preciso: vamos falar dos Bebês do Abismo. Um bebê? Um bebê? Inocentes criaturas rechonchudas moldando a massa bruta dos devires, hesitantes senhores das marionetes. Queres razão? Queres fé? Dance com os mutantes, dance! Crie, destrua, divirta-se, goze no Vácuo da sopa caótica. Deleite-se com o simples prazer do 'Não'. Estamos aqui como um pelotão de fuzilamento que não tem munição e como o condenado que prefere não ver seu último desejo atendido. Somos pela nossa verdade contra a sua, pela criação de mundos contra a realidade consensual, pela ociosidade criativa contra o esforço estéril, pela incerteza contra a segurança, pela doença venérea contra o ataque cardíaco, pela bobagem contra a coerência, contra a ganância pela mendicância, e assim por diante, porque isto já está cansando. Jesus se matou. (Todos nós, deuses sacrificados, sabemos



do que falo.) Quem quer que já tenha tido um orgasmo sabe que a morte é nossa única amiga. Mas não se deve irritá-la, já que a dama pode te fazer viver & sofrer infinitas outras vidas, e muita lengalenga entre elas, até o próximo orgasmo. (Será que pode mesmo?) "Todo êxtase é fugidio, todo prazer ilusão". Que belo Buda que nos destes, Senhor. Nem podemos nos contentar com umas mentirinhas inofensivas e com alguma fé idiota (e há fé que não o seja?) que nos deixe pastando felizes e completos? (Completos... A compleição será mais do que a felicidade?) Sou apenas mais um que pensa, e por pensar pensa que pensa o que pensa pensar. (Ao estilo de uma poesia de Pessoa eu penso ser uma pessoa que pensa como Pessoa - mas eu não passo de um heterônimo mal criado).

Segundo Manifesto Comedianista

Por Timóteo Pinto

Conforme as diretrizes adotadas na reunião da última Internacional Comedianista, exigimos:

1. Socialização total dos meios de reprodução, abolição da família heteronormativa e a instauração de uma dita-Dura democrática.

2. A organização revolucionária da luta de crassos que culminará numa sociedade desclassificada.

3. A imposição da menos-valia como forma de reparar uma dívida histórica das classes trabalhadoras exploradoras com as classes dominadoras exploradas.

4. A liberalização desdiscriminação das drogas recreativas populares como a maconha, a televisão, a música popular, etc. Também é necessária a proibição imediata das drogas capitalistas - instrumento da alienação burguesa - como a polícia e a religião católica. Esta última deve ser substituída pela Teologia da Libertinagem.

5. Linchamento democrático reeducativo & recreativo para todos os banqueiros, ativistas, empresários, anarquistas, religiosos, caoístas, jornalistas, magistas, psicanalistas, discordianos, absurdistas e groucho-marxistas.

6. Uma sociedade igualitária onde todos tenham acesso á mesma quantidade de comida, vestimenta, habitação, água potável, ar puro, beleza, sorte, altura, idade, etc.



O Papa que escreveu um livro erótico

Por mottahead (<http://www.formspring.me/mottahead>)

Antes de ser o Papa Pius II, Aeneas Sylvius Piccolomini era poeta, estudante, diplomata, e rakehell. E um autor. Na realidade, ele escreveu um best-seller. As pessoas da Europa do século XV não se cansavam de sua novela latina "Historia de duobus amantibus". Um artigo em uma publicação escolar de literatura reivindica que "Historia" "era sem dúvida um das histórias mais lidas em todo o Renascimento." A edição de Oxford dá uma resenha do enredo:

"A grandiosa história conta sobre o amor ilícito de Euralius, alto-oficial da corte do Imperador Sigismund [alemão], e Lucretia uma senhora casada de Siena [Itália]".

Provavelmente foi escrito em 1444, mas a primeira impressão conhecida é da Antuérpia, em 1488. Na virada do século, tinham sido publicadas 37 edições. Por volta de 1553, o livreto apareceu em inglês sobre o maravilhoso e antiquado título "A agradável história da nobilíssima e bela senhora Lucretia, da nobreza em Tuscania, e de seu amante Euralius, muito agradável e deleitável ao seu leitor".

Apesar do óbvio interesse histórico desse arcaico pornô do Vaticano, ele nunca foi traduzido para linguagem contemporânea. (As passagens citadas abaixo marcam a primeira vez que o livro apareceu em inglês moderno). Os anos de 1400 sendo o que foram, a ação é bem "doméstica" para padrões de hoje. Em certo ponto, Euralius escala uma parede para estar com Lucretia:

"Quando ela viu seu amante, ela o apertou em seus braços. Deram abraços e beijos, e á toda vela eles seguiram as suas luxúrias e cansaram Vênus, agora com Ceres, e agora com Bacchus se refrescaram".

Livremente traduzido, significa que eles transaram, então comeram, então beberam vinho.

Sua Santidade descreve a próxima vez eles se engancharam:

"Assim, falando um com o outro, eles foram para o quarto, onde tiveram uma noite tal nós jugamos que os amantes Páris e Helena tiveram depois que ele a levou, e foi tão prazeroso que eles acharam que Marte e Vênus nunca tinham experimentado tal prazer..."

Sua boca, e agora seus olhos, e agora suas bochechas ele beijou. Baixando suas roupas, ele viu tal beleza como ele nunca tinha visto antes. "Eu acredito que eu achei mais", disse Euralius, "do que Acteon viu de Diana quando ela se banhou na fonte. O que é mais agradável ou mais justo que estes membros?... Ó, pescoço justo e peitos agradáveis, são vocês que eu toco? É você que eu tenho? Você está em minhas mãos? Ó, membros roliços, ó, doce corpo, eu o tenho em meus braços?... Ó, beijos agradáveis, ó, queridos abraços, ó, doces mordidas, nenhum homem vivo é mais feliz que eu sou, ou mais abençoado"... Ele cansou, e ela cansou, e quando eles terminam, eles não estavam cansados. Assim como Atenas, que se levantou do chão mais

forte, após a batalha eles cobiçavam mais guerra."

Mas Euralius não é só um cachorro tarado. Ele encera filosofia sobre o amor para a esposa do primo Lucres: "Você sabe que o homem é propenso a amor. Se é virtude ou vício, reina em todos lugares. Não há coração de carne que não sentiu as picadas de amor algum dia. Você sabe que nem o sábio Salomão nem o forte Sansão escaparam desta paixão. Além disso, a natureza de um coração aceso e um amor tolo é essa: mais é permitido, mais ele queima, e nada pode curar mais rápido que obter seu amor. Houveram muitos, tanto no nosso tempo quanto nos de nossos anciões, cujo amor tolo foi a causa de morte cruel. E

muitos que, depois de sexo e juras de amor, deixaram de queimar. Nada é melhor que quando o amor gruda em seus ossos, que cedem ante a chama, para esses que se esforçam freqüentemente contra a tempestade da destruição, enquanto esses dirigem com a fuga de tempestade."

Além de sexo e sabedoria, a história também contém muito humor, como quando o marido Lucres pede emprestado um cavalo de Euralius:

"Ele diz a ele, 'Se você saltar em meu cavalo, eu farei a mesma coisa a sua esposa'"

Papas não escrevem mais livros assim!



Loucura Lucida

Por Mônica Marques
(poet_dekadent@hotmail.com)

Não conseguir fugir da realidade significa um excesso de lucidez ou extrema loucura? A resposta confirmaria minha tese poética-lunática, de que não só o excesso de lucidez leva a loucura como o excesso de loucura leva a lucidez.

Se minha realidade é na verdade uma ilusão, quando tento fugir dela, tento alcançar a realidade? Ou migro de ilusões em ilusões? Se as realidades são múltiplas a tentativa de alcançar a realidade única em que todos se enquadram seria uma farsa. Talvez todos vivam em suas respectivas ilusões, que criamos e recriamos. Se pertence a cada sujeito que a resolva viver, a realidade sim que é uma ilusão, a ilusão da ilusão. A ilusão é uma realidade. A realidade está fora ou dentro? Do exterior ou do interior? O que faz pensar em quantas realidades seriam possíveis. Infinitas. Nos casos que unem mais indivíduos, podemos denominar precisamente como o fenômeno do delírio coletivo.

Se produzimos a realidade ilusória, o que é loucura? Como são diversas as loucuras, digo, ilusões, realidades. A metafísica disso tudo é expressa pela

loucura de Deus, o tal dançarino do qual falava Nietzsche, que nos criou a sua imagem e semelhança, como deuses de nossas próprias loucuras. Fato é que nelas podemos fazer o que quisermos dentro dos limites da loucura de Deus.

Dizem por ai, que o sóbrio é aquele que sabe distinguir a realidade da fantasia, mas o que dizer se somos máquinas de produzir fantasias? Certamente jamais será possível olhar um homem despido de seu imaginário. Ilusões sobrepostas numa translucidez aguda. Perceber que está iludido não significa que nos livramos da ilusão se ela é real. As ilusões/realidades se desdobram uma fora da outra. Se trancafiamos alguns de nós dentro das salas estofadas, é porque os condenamos pelo abuso da criatividade.

O excesso de lucidez faz perceber a ilusão real, que se exacerbada leva a loucura originária. A loucura alucinatória se levada a extremos nos leva a realidade ilusória, que é a realidade possível.



Metafísica enquanto Medo da Realidade Ontológica

Por Guto Novo (https://twitter.com/cosmic_bum)

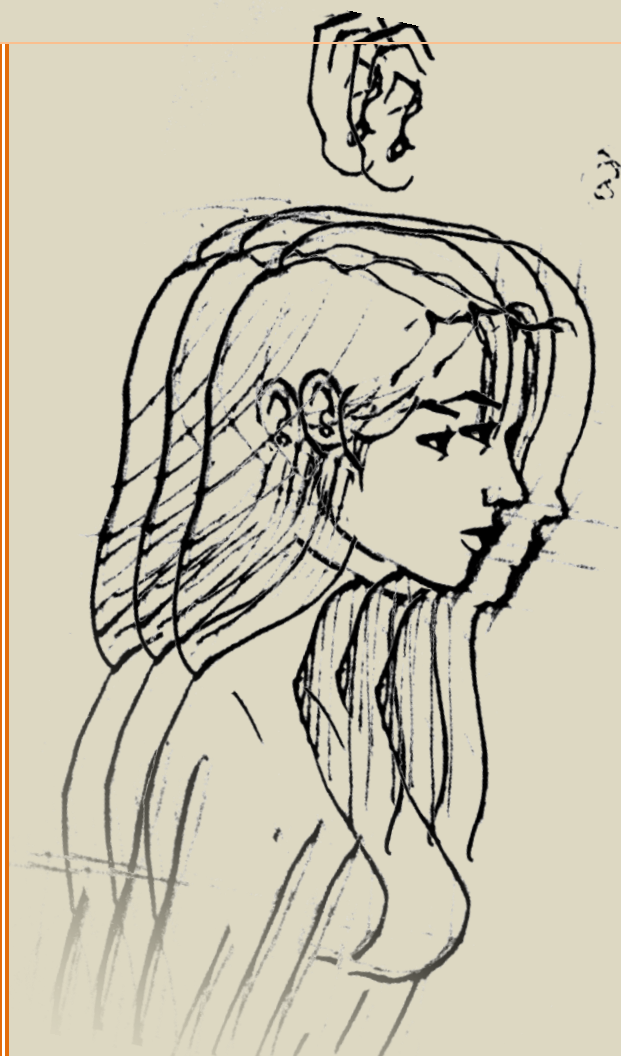
Até onde pesquei o "Principia Discordia" tira aquele sarro do mundo ocidental neo-platônico. Até onde percebo, parece-me a cada dia que passa os erisianos se tornam mais e mais neo-platônicos. Até a mais cômica e livre religião parece sofrer com seus usuários. Estranho. Mas o que tou seco pra escrever é sobre a constatação de que o ocidente anuviou os pré-socráticos, favorecendo, unicamente, a visão de uma realidade anterior absoluta e mental, vinda de Sócrates em diante... Mas ainda assim adoramos dizer que a filosofia nasceu com Pitágoras. A meu ver, a filosofia que nasceu com Pitágoras era uma onde o corpo humano era integrado ao ecossistema, e era tão importante em uma medição quanto a máquina em si, no caso, o monocórdio. Amigo da sabedoria, pois incluía-se no experimento, pois ouvia-se o ultrassom no centro da cabeça.

Já a filosofia que nos guia, seja na ciência ou religião, é aquela vinda da especulação grega. Especulação, pois isolou o processo em apenas mental, abstrato. Assim fomos, do conceito de liberdade absoluta, logo abstrata, nascida na especulação de Sócrates, Platão e Aristóteles, em direção ao idealismo transcendental

de Kant, ao não entendimento do não-dualismo indiano por parte de Hegel, em sua tentativa de reintegrar o indivíduo na sociedade, apregoando um espírito ainda absoluto, abstrato, e ideal, mas em procura por justificação da historicidade do pensamento, essa entidade abstrata que nega a realidade que vê, logo, a que não vê também, pois vive em si e para si.

O pensamento é crise enquanto entidade que deve ser respeitada. Não há pensamento. Há indivíduos que pensam via consciência. E se há consciências individuais, há uma consciência coletiva, mas talvez, parece-me, esta consciência coletiva não é apenas a soma das consciências. A consciência coletiva é um conjunto maior que a soma das partes. Mas aceitar isso é negar o absoluto de outros pensadores, os idealistas e os lógicos tradicionais que nos diziam que o pensamento, enquanto instrumento, "eu penso que..." kantiano, via autoconsciência crítica :D :D :D, era algo verdadeiro! Uma verdade absoluta, pois imaterial e ideal.

Dai dizer que todo o processo de pensamento que, por se propor sair ou buscar por uma verdade absoluta,



especulativo ocidental, seja gnóstico, monista, kantiano, hegeliano,

freudiano, junguiano, etc, consiste no esforço único e egóico de reintegrar na realidade, da qual separa-se, o ideal de espírito uno e eterno enquanto origem e destino do indivíduo e do homem coletivo, demonstrando a semelhança e paralelo teológico entre filosofia vinda da especulação socrática, ciência de base comutativa, religiões monistas e esoterismo neo-platônico, logo, gnóstico.

Há uma crise, mas não é uma crise da humanidade, nem uma crise da realidade, nem da ecologia, há uma crise no pensamento enquanto crise, no pensamento ocidental. A sociedade seguirá, mas o pensamento separado da realidade ontológica, este está a morrer. A teologia científica,

religiosa, filosófica como a conhecemos está desmanchando no ar. O sonho irreal, pois absoluto e abstrato de convergir, centralizar tudo sobre um messias, um rei-filósofo, uma teoria de tudo, está a ruir, e a destruição será mais e mais violenta enquanto não aceitarmos o fato de que o erro especulativo grego foi o de separar a mente do corpo/natureza na busca do controle e perpetuação de um espírito eterno, abstrato, irreal.

O ocidente está doente até a medula óssea devido ao excesso de pensamento; corpos paralíticos perante a força do visgo de conceitos, palavras, pássaros presos em seus ovos, pois viciou-se em pensar absolutamente tudo aquilo que pode se tornar real, material, daí a fascinação quântica por infinitas probabilidades enquanto a realidade a ser alcançada: impor o pensamento sobre o próprio pensamento, prendendo-o, destruindo tudo o que não for absoluto enquanto potência controlável, convergente, isto é, na prática, destruindo a natureza, a realidade anterior, por tanto, ontológica, a cada ser, em nome de um ideal unificador de tudo em apenas um, seja comutativo ou monista, como ocorreu ao se impor a simetria dos intervalos musicais.

Filósofos querem corpos sem órgãos. Religiosos querem espíritos sem corpos. Cientistas querem probabilidades em detrimento de possibilidades. Se há uma coisa que todo monista, gnóstico, filósofo, religioso merecia nesse nosso período de transição é terem as pernas e braços cortados, pois vivem na e pela mente apenas. Isto é negar a vida integral por temor ao tempo.

Propositadamente

Por Santaum (<http://ononada.wordpress.com/>)

Esqueça tudo. Esqueça que o homem foi á lua, que fez as pirâmides e o mausoléu de Helicarnasso, que inventou o futebol e que existe copa do mundo. Esqueça a matemática e os cálculos. Esqueça a filosofia e todas as outras ferramentas do conhecimento. Esqueça a linguagem. Não pense. Não converse. Não leia. Despreze tudo. Faça um off na sua cabeça.

Tente. Tente. Você chega lá. Ponha momentaneamente um branco na sua cabeça. Livre-se do mundo, dos vícios, livre-se dos imperativos, esqueça essa sociedade chata e abarrotada de valores bobos. Esqueça a sua posição hierárquica que alcançou, apesar de se achar e se vangloriar que, mesmo não

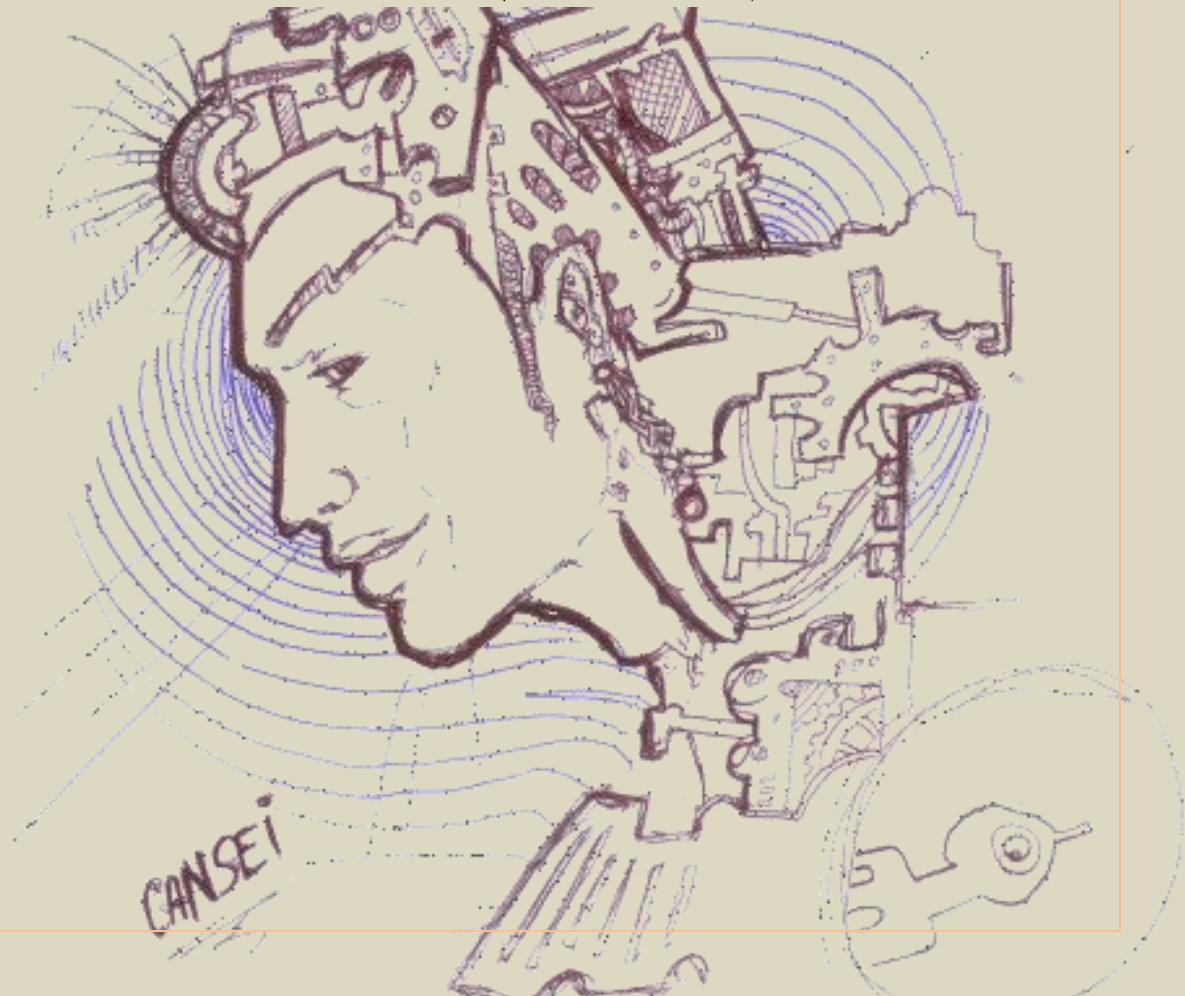
sabendo disso no futuro, entrará para a história.

Corra. Corra. Corra para o nada. Espere o onoda e não o aceite quando isso ocorrer. Enxergue o mundo de outra maneira. Pense agora. Não, não pense. Pense. Fale. Não Fale.

Despreze o mundo, a sociedade, nossos valores morais, tudo. Esqueça que tem nome, CPF e que se inscreveu em um sítio de auto-ajuda na internet. Esqueça os arquivos em PPT que ficaram na sua memória. Principalmente daqueles seus amigos recém-internautas que lhe enviaram.

Pense agora. Não, não pense. Pense. Fale. Não Fale.

O que podem fazer os imperativos, há? Tampouco as contradições.



Sobre Macacos e Bananas

ou Como Conjurar Éris com Coca-Cola Zero

Por dudektria (<https://www.facebook.com/dudektria>)

Acordo. Olho o relógio. São 8:23 da manhã. Só mais cinco minutos. Acordo. Olho o relógio. São 8:28. Me levanto. Como algumas bananas acompanhadas com Coca-cola Zero.

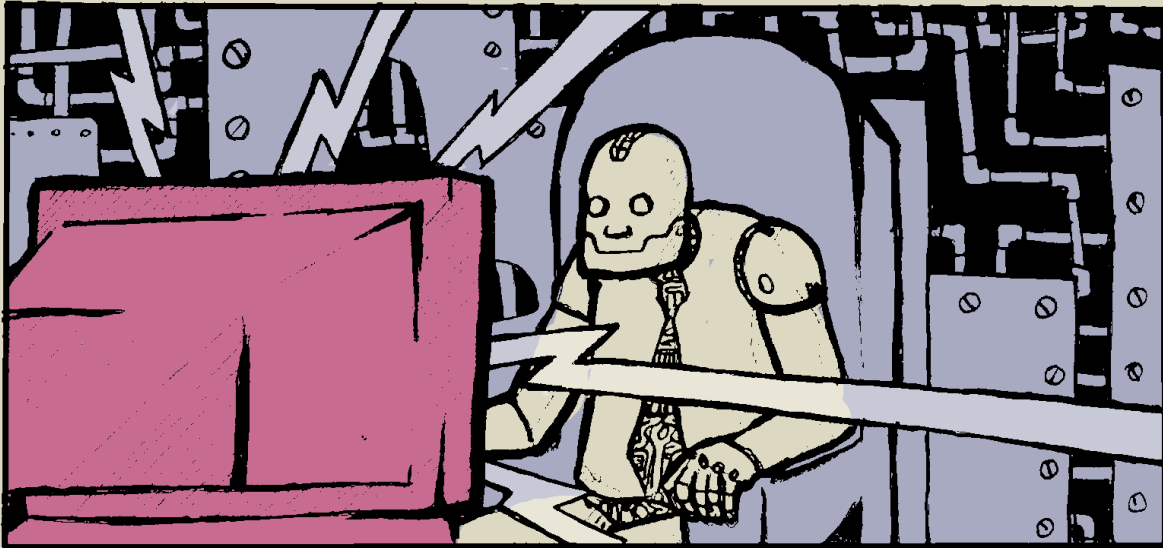
Estou seguindo essa dieta rigorosamente desde o início da semana, na tentativa de manter mais triptofano no meu cérebro durante o dia. Segundo Aldous Huxley, nossa mente só consegue receber uma certa quantidade de informação diária, devido a fatores evolutivos, desenvolvidos na época em que éramos mais macacos que homens. E um bom jeito de "ver mais do que o normal" seria através de drogas alucinógenas. Robert Anton Wilson recomenda a maconha, embora não seja por muitos considerada alucinógena, porém reconhece o maior poder de outras, como o DMT, a salvinorina A, o LSD, a serotonina e o LSA.

Como eu não quero "ver mais que o normal" atrás de uma jaula, ver o sol nascer quadrado, finjo ser um macaco a comer bananas, que contém triptofano, precursor biológico da serotonina. Engraçado, este é um arquétipo símio bastante pobre, semelhante ao que temos dos coelhos, de que comem só cenouras. Se fosse eu um macaco, além de quase não comer bananas, já estaria certamente atrás de uma jaula. Não parecem funcionar, tanto as bananas, quanto as jaulas, para qualquer fim que seja.

Mas, sinceramente, não sei bem para que serve a Coca-cola Zero.

Depois de um banho, já estou pronto. Corro para pegar o ônibus. No ponto, olho o relógio. São 9:23 ainda. Espero cinco minutos e pego o primeiro UFSC semi-direto que encontro. Um carro da Transol, de número 0235. Não sei para onde vão essas latas azuis no final do





dia mas, com certeza, vão todas para o mesmo lugar. Devem ser muitas e, como são todas iguais, não só é inteligente como indiscutivelmente necessário numerá-las. No fim, o "0235" serve justamente para por ordem naquele maldito lugar, seja lá onde for. Ônibus, nessa cidade, nunca foram rápidos, ainda mais que o meu destino é o terminal viário do centro.

Chego. Olho o relógio. São agora 9:55. Demorei, pensei. Vou ao chafariz do terminal. Aqui, no terminal municipal, existe um belo chafariz, como que para entreter os passantes com a água que, além de não a beberem nem a usarem para refrescarem-se - certos estão eles, claro, afinal, não são animais, que nojeira seria! - só a vêm cair, cair e cair. Tentem fazer um chafariz aonde a água só sobe, sobe e sobe. Ai então vão *realmente* entreter os passantes.

Me sento em um banquinho, sorte de haver encontrado um. Um desses quadrados. Digo, cúbicos. Na verdade, chamam-no de "banquinho" por consideração, carinho. É um bloco de concreto que, ao brotar do chão, revestiram com cerâmica, dessas bem baratas. Mas

ainda assim servem muito bem para sentar-se.

Espero. Olho o relógio. 10:05 ainda. Logo chega uma garota, não muito alta, não muito baixa. De um ruivo que confunde. Será que é castanho? Não, na luz parece mais um loiro escuro. Estranho. Veste um, lógico, vestido. Fantástico. De cor indistinguível para mim, já que sou daltônico. Daltonismo é algo engraçado. Todos pensam que faz a pessoa ver em preto e branco, enquanto que na verdade apenas confundimos alguns tons, trocamos algumas cores. No meu caso, por exemplo, confundo alguns violetas por azul, alguns amarelos escuros por verdes e uns tantos azuis claros por tons de cinza. Com certeza ela observa cores melhores que eu. É que o daltonismo está relacionado com um gene recessivo no cromossomo masculino. Quer dizer que mulheres passam a desordem aos seus filhos, mas só a manifestam os homens. Discreto, sinceramente humilde o vestido, como de uma dama oriental. Mas ainda assim, digo, fantástico. Ouso dizer, digno de uma divindade seria. No específico caso, o é.

- Vago está? - pergunta a garota, agora sem poder ter a idade reconhecida. Que absurdo, seriam dezenove anos? Seriam trinta?

- Claro, desde que não me arranque o sol - respondi.

Sentou-se no "banco" atrás de mim. "Atrás" é discutível. Estes assentos são perfeitamente simétricos, senta-se na posição que agrada. No momento, estava eu sentado de costas para o sol, abraçando minhas pernas de leve. Ela então senta-se no banco ao lado, mas de frente para minhas ensolaradas costas.

- O sol parado está, nem eu posso de lá o tirar.

- Falo sobre as ondas eletromagnéticas que emana, não quero que teu corpo produza obstáculo para as pobrezinhas até meu corpo. Absurdo seria se com isso o sol se deslocasse. Haveria motivo para que pudesses fazê-lo?

- Claro que sim. Digo, claro que não.

- Entendo. - Na verdade, porra nenhuma.

- Somente digo. Remédios psiquiátricos, os tomo. Tente evitá-los. Não vão te bem fazer.

- Que? - Me viro para olhá-la melhor, de espanto. Seria o português sua língua nativa? Pois não parece...

- Com essa tua dieta, haverias de várias dores de cabeça horríveis ter.

- Dieta? - Grandes olhos ela tem. Azuis ou cinzas? Talvez um verde muito claro. São como dois caleidoscópios.

- Bananas. Queijo nesses tratamentos também deves evitar. Se não queres enxaquecas ter.

- Mas eu não estou em nenhum tratamento desse tipo... E como sabes das bananas?

- Não o sei. É tu quem sabes.

- Quem és tu?

- Com certeza psiquiatra não sou. Sobre a guerra de tróia, já leste? Onde está?

Acordo. Olho o relógio. São 8:23 da manhã. Só mais cinco minutos. Acordo. Olho o relógio. São 8:28. Me levanto. Como algumas bananas acompanhadas com Coca-cola Zero...

